

Conversa Final

Alves Martins

Havia uma diferença grande o que se passava e a teoria oficial. Nas faculdades ninguém sabia nada de informática. A dada altura a Universidade Nova criou uma licenciatura em informática. Eu era muito amigo do Alfredo Sousa, que veio ter comigo para falar sobre esse assunto. Mas eu achava que estávamos tão carentes de programadores e de analistas no nosso país, que o que era preciso seria criar uma escola comercial, que era o modelo da altura, com o intuito de preparar gente para superar essa carência.

Os responsáveis pela Meteorologia, pelo Técnico e pelas Universidades eram poucos, e seleccionados, e faziam parte de uma comunidade científica que era muito pequena e estava pouco desenvolvida. Mas fora disso era aflitiva a falta de pessoas.

Poucos faziam uma comparação rigorosa de um contrato de manutenção da IBM com o dos concorrentes. Quando no contrato dizia “substituição de todo o interior ou parte activa no caso de ser necessária, excepto o chassis (por causa do número de série)”. A IBM assegurava mesmo o correcto e continuo funcionamento das máquinas.

Na IBM a maioria dedicávamo-nos mais à parte comercial, à parte administrativa, à parte de vendas das empresas, enquanto que apenas alguns, como o Marques Henriques, o Luís Penedo, o Manuel Morais Sarmiento, entre outros, tomavam conta da parte científica.

Delgado Domingues

Nós estamos aqui desesperados para aprender a fazer manutenção, logo na próxima vez quando tiverem uma banda para ser destruída, ofereçam-nos a banda, porque não temos nenhuma.

Eu conto esta história porque isto foi a base do núcleo de hardware, onde eu recrutei gente que depois fez a informática na Universidade Nova. Uma das pessoas que fez isso foi o Ernesto Carvalho, que hoje é Director do Ambiente da EDP.

Já agora, o problema dessa unidade de banda é tinha uma avaria no mecanismo de sucção que fazia ajustar a banda. Eu, como engenheiro mecânico, olhei para aquilo e disse que aquilo era um aspirador. Fomos, um bocado a medo, comprar um aspirador industrial por quatro ou cinco contos e aquilo começou a funcionar nessa base.

A outra grande questão era o terror que as pessoas tinham de meter as mãos. Mas foi assim que foi criada uma primeira equipa para trabalhar no hardware.

Isso claro que não jogava com o contrato de manutenção, mas isso já tem a ver com as minhas negociações com a IBM. Eu descobri na Bélgica uma empresa de equipamento reconicionados. Com a IBM tínhamos essa questão que nós não podíamos pôr unidades periféricas que não fossem deles, e tínhamos que dar a volta a isso. Na Bélgica descobri uma empresa de material reconicionado IBM e assim dava uma volta a esses problemas de manutenção. Na verdade isso nunca chegou a ser preciso porque eles baixaram o preço, mas isso é outra história.

Essas unidades de banda foram assim reconicionadas. Elas não foram usadas aí directamente, mas por uma outra razão. O meu interesse na parte numérica da meteorologia vem do meu grande interesse na área da mecânica dos fluidos e da aeronáutica. Eu costumo dizer que o meu encontro com os meteorologistas foi da pequena escala para a grande escala, enquanto que a meteorologia, com os novos computadores, foi da grande escala para a pequena escala e nós cruzamo-nos no meio. Esse meu grande empenho obrigava-me a tratar os dados, e tratar os dados obrigava-me à visualização gráfica, o que obrigava por sua vez ao desenvolvimento de uma série de instrumentos - daí o meu interesse na própria computação gráfica.

Mas a tal unidade de bandas servia para nós transportarmos os dados de uma unidade IBM para outra unidade IBM, movida a “aspirador”, na qual líamos os dados e a visualização era feita num osciloscópio. A equipa que fez isso foi o núcleo central que desenvolveu depois a computação gráfica na Universidade Nova de Lisboa. Uma pessoa que participou nisso foi a Dr.^a Manuela Quirino, que eu recrutei para a Universidade Nova, e que foi praticamente o braço direito e o braço esquerdo da concepção do curso de informática na Universidade Nova.

O Alfredo Sousa pertencia à comissão instaladora, tal como eu, mas eu fiquei inteiramente com essa área. Consegui fazer aprovar o curso na Nova. Os directores de informática dos bancos eram sobretudo contra, porque era um lobby importante. Demos-lhe a volta porque apercebi-me que alunos com excelentes cabeças eram por vezes maus alunos e chumbavam. Um dia descobri o Leite Castro numa exposição de máquinas a brincar com aquilo, e apanhei-o logo para começar a trabalhar, ainda como aluno.

A minha ideia é que haveria imensa gente frustrada que poderia reaproveitar-se para a informática. A ideia era que a entrada para a informática seria facilitada se a base inicial não fosse de informática. Daí a minha ideia de criar a licenciatura de informática na Nova em que se fazia o quarto e o quinto ano, mas a entrada poderia ser com qualquer curso que tivesse um número suficiente de cadeiras de física e matemática. A ideia era de que com dois anos extra de informática, iriam no futuro poder fazer as aplicações. E foi só com esta ideia que convenci as pessoas a aceitarem o curso, e depois logo a seguir fazer o curso nocturno para permitir aos tais directores de informática, que não eram doutores, de virem a ser.

Quando o curso arrancou na Nova eu já tinha saído, a seguir ao 25 de Abril de 1975, mas o curso já estava montado e instalado. Eu tinha criado um grupo de hardware com base na unidade de bandas e outras unidades que depois se desenvolveram.

memST

**MEMÓRIA DAS TECNOLOGIAS
E DOS SISTEMAS DE INFORMAÇÃO**

O computador do Instituto Superior Técnico também era o computador da Universidade Técnica. Posso dizer que isso foi uma luta minha, para conseguir travar a divisão entre as escolas. A minha ideia foi criar um serviço da Universidade Técnica de Lisboa. Havia um estafeta que ia buscar as caixas de cartões às faculdades, punha-as no Centro de Cálculo, e depois ia-as distribuir outra vez.